

Dr. James S. Spiegel, Ética Cristã, Sessão 11, Aborto, Parte 2

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre Ética Cristã. Esta é a sessão 11, Aborto, Parte 2.

Certo, tendo olhado para alguns dos principais argumentos pró-escolha, vamos dar uma olhada em alguns dos argumentos para a posição pró-vida. Vamos olhar para dois deles, um de um filósofo chamado Don Marquis e outro de um filósofo chamado Alexander Proust.

Então, Don Marquis escreveu um artigo há vários anos, onde ele argumenta que, para deixar nossas ideias claras sobre o debate sobre o aborto, precisamos de um relato adequado da ilicitude de matar. O que torna matar errado quando é errado? Então, ele considera uma série de possibilidades aqui. Matar é errado quando é errado porque brutaliza? Sua resposta a isso é não, porque você pode matar injustamente de maneiras muito não brutais, até mesmo gentis.

Matar é errado porque a vítima fará falta? Vai machucar outras pessoas porque elas amam essa pessoa que foi tirada delas? Não. Matar é errado mesmo que a vítima não faça falta, mesmo que ninguém mais seja ferido por isso. O que torna matar errado é o fato de que priva alguém de um futuro valioso.

Ele diz, citando Marquis, que a perda da vida de alguém priva alguém de todas as experiências, atividades, projetos e prazeres que, de outra forma, teriam constituído seu futuro. Portanto, matar alguém é errado porque a matança inflige uma das maiores perdas possíveis à vítima. Então é isso que torna a matança errada quando é errada.

Ela priva a vítima de um futuro valioso. Então, com essa ideia no lugar do que constitui a ilicitude de matar quando é errado matar, Marquis passa a considerar as implicações disso. Uma delas é que não é errado apenas matar o biologicamente humano.

Ela permite o erro de matar animais. Animais também têm um futuro potencialmente valioso. E se você mata um animal, não que isso seja no mesmo nível de matar um ser humano, ainda é um erro *prima facie*, pelo menos potencialmente, por causa do futuro que foi privado, aquele animal.

Além disso, sua visão não implica que a eutanásia ativa seja sempre errada. Se alguém está em uma condição terminal e está se aproximando do fim de sua vida de

qualquer maneira quando sua morte é acelerada por meio de eutanásia ou suicídio assistido por médico, você não tirou um futuro valioso; você tirou um futuro que provavelmente será atormentado por dor extrema. Isso seria uma implicação de sua visão também, ou dessa compreensão da ilicitude de matar, pelo menos entendida por si só.

Falaremos sobre eutanásia separadamente. Mas sua visão também considera a ilicitude de matar crianças e bebês. E fetos.

Observe que, na visão dele, não há atenção dada à noção de personalidade fetal. Esse é um dos aspectos significativos do argumento de Marquis. Ele não apela à personalidade fetal.

Podemos desconsiderar isso completamente da discussão, mesmo se você conceder que o feto não é uma pessoa. Seu argumento parece ter algumas implicações pró-vida aqui, mesmo concedendo esse ponto. Seu relato também permite a permissibilidade moral da contracepção.

Por quê? Porque no caso dos contraceptivos, não há ninguém que seja privado de um futuro valioso. Nenhuma célula espermática individual tem um futuro como uma célula espermática que seja valiosa. Nenhum óvulo individual tem um futuro valioso como um óvulo sozinho.

E não podemos dizer que na contracepção, qualquer combinação particular de esperma e óvulo é privada de um futuro valioso porque eles ainda não foram combinados. Então, sua visão permite a permissibilidade moral da contracepção. Algumas das críticas ao argumento de Marquis argumentam que um adulto e um feto não são a mesma entidade.

Então, eu sou muito diferente; você é muito diferente de um feto ou um zigoto, um embrião, e alguns insistem que esse ponto de alguma forma vai contra o argumento de Marquis. Ele diz, no entanto, em resposta, que o fato de que eles não são a mesma pessoa ou entidade não prova que eles não são um e o mesmo organismo. Então, mesmo que nos tornemos uma pessoa através do processo de desenvolvimento entre, você sabe, embrião e recém-nascido ou criança pequena, mesmo que a personalidade surja mais tarde, ainda é o mesmo organismo.

Eu sou um e o mesmo organismo, apenas em pontos diferentes na história deste organismo como eu era quando eu era um feto. Na verdade, o argumento de Alexander Proust desenvolve essa ideia em profundidade, a ideia de que eu já fui um feto, mas chegaremos lá em seguida.

Outra crítica ao argumento de Marquis é que ele não dá peso suficiente à autonomia da mulher, o direito de controlar seu próprio corpo. A resposta de Marquis a isso é

que isso realmente não tem nada a ver com seu argumento. Sua conclusão pode garantir esse ponto.

Sua conclusão é que o aborto é um erro sério *prima facie*. Por quê? Porque ao abortar um feto, estamos privando um organismo de um futuro valioso. Mas a questão permanece em aberto se o direito da mulher de controlar seu próprio corpo supera essa preocupação sobre o erro moral sério do aborto.

Podemos discutir isso separadamente. Então, isso é realmente irrelevante para o argumento dele. Então, esse é o argumento do Marquis .

Passando então para o argumento de Alexander Proust, que começa com este ponto básico que todos nós sabemos ser verdade: eu já fui um feto. Você já foi um feto. Cada um de nós já foi um feto.

E há muito que podemos inferir desse ponto simples que é relevante para o debate sobre o aborto. Eis como Proust argumenta. Eu já fui um feto, e se é errado me matar agora, então teria sido errado me matar como feto.

E isso se aplica a todas as pessoas em todos os lugares. Portanto, é errado matar um feto sempre que for errado matar um adulto nas mesmas circunstâncias. Um feto merece o mesmo respeito que um adulto.

Então, se você me matar agora, você estaria matando o mesmo organismo que você teria matado se tivesse me abortado como um feto. Nós somos um no mesmo organismo. E ele passou algum tempo explorando essa ideia de que eu já fui um feto, que você já foi um feto.

Qual é a prova disso? Ele observa que o organismo que foi concebido pela minha mãe nove meses antes do meu nascimento, no meu caso, foi durante a Crise dos Mísseis Cubanos de outubro de 1962. Acho que meus pais jogaram a cautela ao vento, imaginando que uma guerra nuclear estava chegando e o mundo estava prestes a acabar. E então eu cheguei à cena nove meses depois.

Então talvez eu devesse ser grato por pessoas como Khrushchev e Fidel Castro. Mas, seguindo em frente, o organismo que foi concebido pela minha mãe nove meses antes do meu nascimento nunca morreu. Não é meramente parte de mim, mas é contínuo comigo.

Então, eu sou o mesmo organismo individual que aquele feto. Ele parece muito diferente. Mas, apesar de nossas diferenças em termos de forma física, eu sou contínuo com aquele organismo.

E quanto a esse problema potencial? A objeção da gemação. O fato de alguns blastocistos se dividirem em gêmeos enfraquece o argumento de Proust? Tenho dois sobrinhos que estão na casa dos 20 agora, Jake e Josh, que em algum momento foram um único blastocisto. E agora são duas pessoas.

Então como damos sentido a um futuro valioso da parte desse blastocisto com o qual os dois foram idênticos em algum momento? E isso não interrompe o argumento de Proust de alguma forma? Sua maneira de lidar com isso é dizer que a mera possibilidade de um organismo se dividir no futuro, ele observa que é um em cada 260 blastocistos. Isso não significa que não seja um organismo individual genuíno. Ele continua falando sobre a prova de que me matar como um feto seria moralmente errado.

Novamente, sou o mesmo organismo que era como feto, embora eu tivesse naquela época um futuro potencial muito mais longo. Mas se você tivesse me matado como feto, a vítima seria a mesma de se você me matasse agora. A vítima seria eu em ambos os casos.

E além disso, matar aquele feto, portanto, é tão moralmente errado quanto, se não pior do que, me matar agora. Por quê? Porque aquele feto tinha um futuro valioso muito mais longo do que eu tenho agora como alguém na casa dos 50 anos. Mesmo se eu vivesse uma vida muito longa até os meus 90 anos, como minha mãe fez, ainda seriam apenas 35 ou 40 anos.

Mas quando eu era um feto, eu tinha um futuro muito mais longo e valioso do que aquele à minha frente, potencialmente. Então, você estaria tirando experiências e projetos muito mais valiosos se eu tivesse sido morto como um feto. Então, a seguir, há provas de que é errado matar qualquer feto pelo mesmo motivo.

O ponto dele é apenas que meu caso não é diferente do de qualquer outra pessoa. Cada um de nós já foi um feto. Então, é tão errado matar alguém quando é um feto quanto seria se você tivesse me matado quando feto.

Então, em termos de objeções ao argumento de Proust, há esta. E quanto aos casos em que a vida da mãe está em perigo ou em que o feto não é saudável? Sua resposta é que esses casos devem ser tratados da mesma forma que seriam para qualquer adulto adulto. Se apenas concedermos que há tanto valor ali no caso daquele feto quanto há para um ser humano adulto, então as decisões podem ser tomadas de acordo.

Outra objeção é que esse argumento, que às vezes é chamado de argumento de trajetória, falha em estabelecer que um embrião que nunca se torna uma pessoa tem os mesmos direitos que um embrião que se torna uma pessoa. Um sujeito chamado Don Berkich fez esse argumento. Outra pessoa, não Proust, mas um sujeito chamado

Daniel Propson, responde a esse argumento, essa objeção, em defesa de Proust, observando que essa objeção falha porque é o ato de abortar um embrião, que por si só o impede de se tornar uma pessoa.

Então, essas são algumas objeções ao argumento de Proust, e como alguém pode responder a cada uma delas. O argumento de Proust é um argumento fascinante, tão simples e não técnico quanto é. Na verdade, tanto os argumentos de Proust quanto os de Marquis são admiravelmente claros e não técnicos.

Então, Frank Beckwith é um tremendo filósofo cristão que publicou muito sobre o debate sobre o aborto e uma série de outras questões morais. Ele também tem algumas boas respostas aos argumentos pró-escolha. Uma delas é que o aborto é mais seguro do que o parto.

Alguns fazem esse argumento e apontam que quando você compara as taxas de mortalidade quando se trata de aborto no primeiro trimestre, a taxa de mortalidade é de 1 em 100.000, em oposição ao parto. Estamos falando sobre as taxas de mortalidade da mãe. É 9 em 100.000 no caso do parto.

Muitos vão dizer que o aborto é 9 vezes mais seguro do que o parto. Então, isso não é um tipo de recomendação a favor do aborto para uma mulher que está tentando decidir? Beckwith observa que isso é extremamente enganoso. Quando você olha para os números assim e fala sobre o aborto ser 9 vezes mais seguro, pode parecer impressionante.

Mas o fato é que se olharmos para os números de outra forma, vemos o quão enganoso isso é. Porque a diferença é, na verdade, estatisticamente insignificante. A taxa de sobrevivência ao aborto para a mulher é de 99,999%. Mas no parto, é de 99,991%. A diferença é de 0,008%, o que é insignificante.

Então, construir qualquer tipo de posição pró-escolha sobre isso é problemático. Então Beckwith continua observando que mesmo se houvesse um perigo significativo no parto, como ele coloca, a obrigação moral especial que alguém tem para com sua prole supera em muito o perigo relativo que alguém evita ao não agir de acordo com essa obrigação moral. Então, mesmo se os números fossem mais parecidos com os de, digamos, o século XIX, que era uma incidência muito maior de fatalidade para mulheres dando à luz, apenas o fato de você ter uma obrigação especial para com sua prole compensa essa consideração desse perigo.

Agora, Beckwith também responde à analogia do violinista de Judith Jarvis Thompson, sobre a qual falamos. Ele tem várias coisas a dizer sobre isso. Uma delas é que Thompson assume que todos os deveres de alguém para com sua prole devem ser voluntários.

Ela parece, pelo menos, rejeitar tacitamente a ideia de que você naturalmente incorre em deveres e obrigações para com sua prole só porque ela é sua prole. Nós certamente não desconsideramos os deveres de um homem para com sua prole só porque ele engravidou uma mulher sem querer. E que ele não escolheu essa obrigação.

É tipo, cara, você tem essa obrigação porque é seu filho. Mesmo que você não quisesse, não tenha escolhido e não tenha pretendido, ainda é sua obrigação. E isso vale para uma mãe grávida também.

Essa ideia de voluntarismo, de obrigações de voluntarismo, é, Beckwith observa, fatal para a moralidade familiar. Ela enfraquece a noção de que temos obrigações especiais para com nossa família só porque eles são nossa família, particularmente nossos descendentes. Você tem obrigações especiais para com sua mãe ou seu pai ou seu irmão ou sua irmã só porque eles são membros de sua família.

E assim, vale para sua prole. Ainda mais, na verdade. Ele observa uma desanalogia fundamental entre o violinista e o não nascido na analogia do violinista de Thompson.

Um, diferente do violinista, o feto é naturalmente dependente da mãe. O violinista só se tornou dependente de você nessa analogia de uma forma muito artificial. Eles tiveram que te nocautear e então te conectar a esse violinista e criar esse fluxo sanguíneo entre vocês para criar essa dependência.

Mas isso é completamente artificial, diferente da dependência natural do feto em relação à mãe. Então, comparar o feto a um estranho conectado artificialmente, Beckwith argumenta, enfraquece o vínculo natural entre uma mãe e seu filho.

Então, acho que essas são algumas boas críticas da parte de Beckwith ao argumento de Thompson. Tudo bem, então vamos passar agora para o caso bíblico da visão pró-vida. Aqui estão algumas passagens bíblicas que são frequentemente citadas como relevantes para a questão do aborto.

Um deles vem do Salmo 139, versículos 13 a 16, que destaca o fato de que os não nascidos são criados por Deus e conhecidos intimamente por Ele. Então, o salmista diz: Pois tu criaste o meu íntimo, tu me teceste no ventre de minha mãe. Meus ossos não te foram escondidos quando fui feito no secreto.

Quando eu estava tecido nas profundezas da terra, seus olhos viram meu corpo informe. Então, Deus, de acordo com o salmista aqui, está muito intimamente envolvido na criação de cada ser humano dentro do ventre de sua mãe. É uma providência meticulosa ali.

Então, embora, no meu caso, meus pais não soubessem da minha concepção, e me informassem que eu era o resultado de um espermicida fracassado, um contraceptivo fracassado, Deus estava bem ciente e intencionalmente me tecendo ali no processo de meiose dentro do útero da minha mãe. Deus estava ativamente envolvido nisso. Então, o não nascido, no meu caso e em todos os outros, é criado por Deus, conhecido intimamente por Ele.

O salmista não está falando apenas sobre seu caso, mas sobre todas as concepções humanas. Além disso, em Jeremias 1, encontramos o mesmo tipo de tema comunicado. Ele diz, antes que eu te formasse no ventre, eu te conheci.

Antes de você nascer, eu o separei. Eu o designei como profeta para as nações. Então, Deus tinha planos muito intencionais para Jeremias, mesmo antes de ele nascer.

E assim, vale para o resto de nós. Outro argumento bíblico que é frequentemente feito é um apelo ao fato de que bebês não nascidos são chamados de crianças em alguns casos, como em Lucas 1, onde a mãe de Jesus e a mãe de João Batista se encontram. E a mãe de João Batista relata que o bebê pulou em seu ventre.

Êxodo 21 é uma passagem realmente interessante. É um desses estudos de caso no Pentateuco, que diz que se homens que estão brigando baterem em uma mulher grávida e ela der à luz prematuramente, mas não houver ferimentos graves, o infrator deve ser multado. E continua a partir daí para falar sobre como se houver mais ferimentos, a pena deve ser olho por olho, vida por vida, e assim por diante.

Essa passagem, infelizmente, é traduzida em algumas traduções bíblicas como aborto espontâneo. Quando literalmente, yetzu yeladeha , que é a frase-chave hebraica ali, significa que seu filho sai. E não há indicação se essa criança que sai prematuramente vive ou morre.

Então, se for traduzido corretamente como dar à luz prematuramente, ou a criança nascer, então qualquer dano adicional se aplicaria àquela criança. Então, se o bebê morrer, então se torna vida por vida, conforme aplicado à criança. E, de repente, se torna uma passagem pró-vida muito forte, como é.

Mas se for traduzido incorretamente como aborto espontâneo, na verdade, torna-se um tipo de argumento pró-escolha. Então, se há tanta coisa nessa passagem sobre a tradução adequada dessa frase hebraica, seu filho sai, yetzu yeladeha . E então um terceiro argumento para a visão pró-vida apela ao fato de que os não nascidos são chamados por Deus antes do nascimento em muitos casos.

Já notamos a passagem de Gênesis 1, mas também em Gálatas 1, Isaías 49, Juízes 13, Gênesis 25. Em cada um desses casos, você tem Deus chamando as pessoas antes de

elas nascerem. Finalmente, vamos anotar juntos uma série de argumentos pró-escolha muito comuns.

Você os ouve em programas de notícias ou em discussões públicas sobre a questão do aborto. Um deles é que a mulher tem o direito de fazer com seu próprio corpo o que ela escolher. Esse é um argumento muito comum.

Que se o aborto se tornar ilegal, então voltaremos aos dias dos provedores de aborto clandestino. Lembro-me do senador Ted Kennedy fazendo esse argumento durante a revisão de um indicado para a Suprema Corte na década de 1980. Ele disse, se essa pessoa tiver permissão para sentar na Suprema Corte, então vamos fazer abortos clandestinos consecutivos.

E esse argumento ainda é feito. Que tornar o aborto ilegal criará dificuldades financeiras para algumas mulheres. Você ouve esse argumento com frequência.

E que a sociedade não deve forçar as mulheres a trazerem crianças indesejadas ou deficientes ao mundo. Essa é outra. Então, o que todos esses argumentos têm em comum é que cada um deles comete a falácia de implorar a questão.

Scott Ray, autor de um livro chamado *Moral Choices*, em seu capítulo sobre aborto, faz isso, assim como muitos outros bons pontos. Cada um desses argumentos assume que o feto não é uma pessoa e não tem direitos morais. Porque se o feto é uma pessoa e tem todos os direitos morais que você ou eu temos, então dizer que uma mulher tem o direito de fazer o que quiser com seu próprio corpo como ela escolher é irrelevante porque o feto não é apenas uma parte de seu próprio corpo, mas uma pessoa humana distinta.

E assim acontece com preocupações sobre abortos clandestinos, dificuldades financeiras para mulheres ou bebês indesejados. Tudo isso é irrelevante porque estamos falando de uma pessoa humana separada e distinta com direitos próprios. Então, isso conclui nossa análise do debate sobre o aborto.

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre Ética Cristã. Esta é a sessão 11, Aborto, Parte 2.